

# REVELAÇÃO BÍBLICA ENQUANTO AÇÃO COMUNICATIVA À DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA INSPIRAÇÃO

*Jones Talai Mendes\**

## Resumo

Este artigo quer relacionar o tema da Revelação Bíblica com o carisma da Inspiração enquanto dimensão sociocomunitária. Para isso vale-se de categorias da Filosofia da Linguagem, em especial do conceito de performatividade da linguagem ou dimensão impressiva da palavra. O autor principal em questão é Luis Alonso Schökel ao lado de vários outros pensadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inspiração. Linguagem. Experiência. Verdade. Hermenêutica.

## Abstract

*This article aims to relate the Biblical Revelation to the charisma of the Inspiration as a social and community dimension. In order to achieve it, the Author uses categories of Philosophy of Language, specially the concept of language's performativity or impressive dimension of the Word. The most important quoted author is Luis Alonso Schökel beside other thinkers.*

**KEYWORDS:** *Inspiration. Language. Experience. Truth. Hermeneutics.*

## Introdução

A partir do Sínodo dos bispos sobre a Palavra de Deus, em outubro de 2008, torna-se relevante que a temática sobre essa Palavra seja retomada e estudada. Por isso propomos esse texto com o intuito de provocar um diálogo no âmbito do binômio entre razão e a fé, Revelação e Inspiração, a partir da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II. Como principal autor segue-se o teólogo bíblico Luis Alonso Schökel.

\* O autor é membro do CEBI no Rio Grande do Sul e professor de Teologia.  
E-mail: jonestalai@yahoo.com.br

Proporemos o pensamento sobre a dimensão comunitária da Inspiração bíblica como categoria plausível de compreensão e como forma de superação de eventuais tendências fundamentalistas derivadas do conceito de “inspiração verbal” da Escritura. Este trabalho contempla a Filosofia da Linguagem, em especial o movimento da reviravolta linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea.

## A Revelação nos limites da linguagem

De certa maneira, pode-se afirmar que o paradigma do pensamento Antigo e Medieval era o estudo do ser. Há uma primazia da Ontologia, no que concerne à busca pela verdade. Após o advento da Modernidade, com o desenvolvimento das ciências e dos métodos histórico-literários, o estudo do ser é subordinado ao estudo do conhecimento. Buscaram-se as possibilidades e limites de ocorrência, produção e reprodução do conhecimento. A própria Filosofia tornou-se, gradualmente, uma Filosofia da consciência, onde o sujeito cognoscente é que se torna o centro da busca pela verdade<sup>1</sup>.

Recentemente, porém, operou-se uma nova reviravolta na busca pela verdade. A investigação foi se orientando cada vez mais para a investigação da linguagem enquanto meio e condição de conhecimento. A linguagem passa a representar uma problemática fundamental na questão do conhecimento e assim não pode mais ser negligenciada<sup>2</sup>.

No modelo de investigação literária<sup>3</sup>, a partir da Filosofia da Linguagem, proposta por Schökel, usa-se a concepção de Deus que desce (condescendência) à capacidade humana de falar através da inspiração concedida ao autor sagrado<sup>4</sup>. Ao descer ao nível do ser humano, para ser historicamente compreendido por ele, Deus também atua no processo fixação por escrito dessa experiência de autocomunicação divina chamada Revelação. Esse escrito é produto literário que tem, teologicamente falando, as marcas da inspiração divina e as marcas das possibilidades humanas de se comunicar em cada momento histórico.

<sup>1</sup> A respeito conferir OLIVEIRA, Manfredo de Araújo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

<sup>2</sup> Cf. CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*, p. 26.

<sup>3</sup> A respeito da dimensão socioliterária da Bíblia, cf. ABADIA, José Pedro Tosaus. *A Bíblia como literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>4</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 11.

Na percepção tradicional de que o ser humano é um “ser que fala”, “*homo loquens*”, diz Clodovis Boff que “todo o pensamento, também o da fé, vem à linguagem”<sup>5</sup>. Mesmo com dificuldade, o teólogo deve tentar expressar o mistério da fé em linguagem. O pensamento e a experiência da fé buscam sempre sua linguagem e esta é necessária para a fé, pois como seria possível falar de uma Revelação de Deus, se o evento comunicativo de Deus não pudesse ser intersubjetivamente partilhado? A Revelação não pode ser inacessível à razão humana.

Partimos do pressuposto de que há uma maneira humana de receber a Revelação de Deus e que esta pode ser legitimamente investigada, à medida que é razoavelmente possível matizar os recursos cognitivos dos hagiógrafos presentes em suas obras literárias, a saber, os textos bíblicos.

A Constituição *Dei Verbum* propõe que é Deus mesmo que se revela, por bondade e sabedoria, por acontecimentos e palavras, através de Jesus Cristo, às pessoas e às comunidades. Outro pressuposto é que o autor sagrado o é, precisamente porque inspirado por Deus a escrever, mas de tal modo que são preservadas todas as suas faculdades humanas, resguardando-se assim o caráter humano e divino das Escrituras, que são, dessa forma, intimamente relacionadas ao próprio mistério da Encarnação.

O desafio proposto por Schökel é exatamente descobrir como se podem preservar as faculdades executivas e os valores criativos do ser humano, sem cair em certo psicologismo do julgamento, que ele atribui a P. Benoit, nem no eclesiocentrismo, mais ao modo de K. Rahner, onde a atividade inspiradora de Deus ficaria restrita ao caminhar histórico da Igreja, diminuindo-se, assim, a importância pessoal do autor inspirado. Para ele, devem-se preservar os valores eminentemente criativos do escritor sagrado<sup>6</sup>.

Desnecessário se torna, portanto, dizer que, neste artigo, exclui-se qualquer concessão à ideia de uma inspiração verbal da Escritura. Entende-se que esta concepção leva irrefreavelmente ao fundamentalismo, o que conduz o intérprete do texto bíblico a dizer o que Paul Tillich chama de “verdadeiros absurdos”<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*, p. 297.

<sup>6</sup> MANNUCCI, Valério. *La Biblia como palabra de Dios*, p. 161.

<sup>7</sup> TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*, p. 277.

O teólogo A. M. Artola diz que o Vaticano II teve o mérito de chegar a uma satisfatória solução na questão da verdade bíblica, mas foi mais modesto ao se referir ao tema da Inspiração<sup>8</sup>. A Constituição *Dei Verbum* centralizou o dogma da Inspiração no tema geral da Revelação, como já o havia feito o Vaticano I. A *Dei Verbum*, segundo Artola, “pôs fim à moda apologética que tinha feito da Inspiração um carisma para eliminar o erro”<sup>9</sup>. Por muito tempo, na história da Igreja cristã, tanto na tradição católica como reformada, buscou-se preservar a Bíblia de qualquer associação com erros de qualquer espécie. A sacralidade da Bíblia parecia estar ligada à sacralidade do autor bíblico.

Ao não ingressar em polêmicas com relação ao tema da Inspiração, a Constituição *Dei Verbum* permite bastante liberdade teológica para tratar desse assunto. Isso é importante, porque, na verdade, o que existe, no tocante ao tema da Inspiração e sua relação com a Revelação, são apenas tentativas de explicar sua dinâmica interna. Para Sesboué, o processo de recepção da Constituição *Dei Verbum* ainda está longe de terminar. Além de extrapolar o necessário processo histórico de uma geração, permanece, enquanto processo, portador de certa imprevisibilidade<sup>10</sup>. De qualquer maneira, o exercício de explicar como ocorre a Inspiração no texto bíblico é legítimo e necessário.

### **Revelação e inspiração: um princípio de relação**

A inspiração só pode ser compreendida quando relacionada ao mistério da Encarnação. Segundo Schökel, a Inspiração em si mesma é um mistério que sempre nos transcende e “a primeira coisa que devemos fazer com um mistério de nossa salvação é relacioná-lo com o mistério central da salvação que é a Encarnação”<sup>11</sup>. Este é o primeiro passo para ter um caminho de unicidade na compreensão da questão da Inspiração e sua relação com a Revelação. Claro que sempre há um risco: “Como na Cristologia, também na Sagrada Escritura, nem sempre se escapa ao perigo de acentuar unilateralmente um dos dois elementos, seja o divino, seja o humano, e um em detrimento do outro”<sup>12</sup>.

<sup>8</sup> ARTOLA, Antonio; CARO, José Manuel Sánchez. *Bíblia e palavra de Deus*, p. 155.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> SESBOUÉ, Bernard. *A palavra da salvação*, p. 454.

<sup>11</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 36.

<sup>12</sup> HAAG, Herbert. A Palavra de Deus transformada em Livro na Escritura Sagrada. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica, p. 98.

Afirmar a relação, portanto, da Inspiração com a Revelação já é lançar luzes para sua compreensão. Schökel apresenta a comparação “palavra encarnada-palavra inspirada”<sup>13</sup> presente nos teólogos e exegetas medievais para explicar que a “Inspiração da Escritura se orienta para a Encarnação: prepara-a, prolonga-a, explica-a”<sup>14</sup>. A palavra inspirada tem uma dupla natureza: divina e humana, analogamente ao mistério da Encarnação e da mesma maneira, exigindo simultaneamente fé e racionalidade para ser acolhida enquanto palavra de Deus.

Tudo que serve ao Espírito para a realização de sua ação comunicativa com o ser humano é, em princípio, legítimo. Da mesma forma como Deus se encarna verdadeiramente, a palavra de Deus é verdadeiramente inspirada, ficando resguardado o caráter humano da Inspiração, assim como o Filho de Deus também é plenamente humano. A Igreja apenas reconhece esse mistério da palavra inspirada. Não é ela que torna uma palavra humana em palavra divina. Da mesma maneira como se acolhe o mistério de que o homem Jesus sempre foi verdadeiro Deus, ela o faz também com a palavra de Deus.

Uma distinção que merece ser mencionada diz respeito aos materiais prévios necessários para a elaboração de uma obra literária. Schökel lembra que “o autor emprega materiais preexistentes: linguagem, motivos literários, procedimentos estilísticos, citações, etc.”, os quais não precisam ser “obra do Espírito”. Assim como “no domínio literário, uma transposição total de contexto pode ser um autêntico ato literário, criador de um novo sentido” também “*a priori*, não podemos excluir esse método de transposição na Bíblia”<sup>15</sup>. Em detalhe pretende dizer que, “enquanto a Revelação afeta antes os materiais, a Inspiração atinge sobretudo a atividade da linguagem”<sup>16</sup>. Se a Inspiração incide na atividade da linguagem, é possível transpor autenticamente um contexto literário criando um novo sentido para um texto bíblico, como, por exemplo, o faz Jesus na sinagoga de Nazaré, ao ler e interpretar uma passagem do livro do profeta Isaías (*Lc* 4, 16-30). Aqui Jesus aparece como um hermeneuta da Escritura. Ocorre o mesmo, quando, em *Lc* 24, Jesus ajuda os discípulos de Emaús a compreenderem as Escrituras<sup>17</sup>.

<sup>13</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 38.

<sup>14</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 38.

<sup>15</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 40.

<sup>16</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 40.

<sup>17</sup> Cf. MESTERS, Carlos. *Bíblia, livro feito em mutirão*, p. 26.

São clássicas também as analogias<sup>18</sup> que procuram demonstrar como ocorre o mistério de uma palavra que é, ao mesmo tempo, divina e humana. Essas analogias têm que ser compreendidas como atos cognoscitivos anteriores a definições conceituais e como Teologias simbólicas de grande riqueza<sup>19</sup>. A primeira delas é a analogia do autor sagrado como “instrumento”. Segundo Schökel, essa imagem foi largamente difundida, ao longo de muitos séculos e é portadora de grande riqueza simbólica. A ideia do “ditado” também foi amplamente utilizada, tanto pelo mundo católico como protestante. Considera-se que Deus inspira, ditando ao autor sagrado o que ele deve escrever. A ideia de ditado é próxima da noção de instrumento e ambas tendem a desconsiderar a autonomia do hagiógrafo como verdadeiro autor do texto sagrado. A imagem do “mensageiro” é uma imagem de grande raiz bíblica. Traz a ideia de um transmissor de um conteúdo, um enviado especial ou um embaixador, no sentido de nossa cultura atual. A imagem do “autor e seus personagens” vêm do mundo da criação literária. Basta pensar nos teatrólogos ou nos romancistas para que a analogia fale. O autor se exprime pela boca de seus personagens, e estes, pela boca de seu autor, havendo uma verdadeira codependência entre eles. Claro é que o personagem dramático só existe cenicamente, e esse fato é um limite que deve ser considerado nessa analogia, pois seres humanos são pessoas vivas, com corpo e alma, direitos e deveres, sendo assim mais importantes que personagens literários muitas vezes fictícios. Parece que Schökel tem uma simpatia por essa analogia enquanto possibilidade de explicação do mistério da Inspiração. A analogia de “Deus, autor da Escritura” é uma fórmula que manifesta a autoria de Deus como fonte do primeiro e do segundo Testamentos. Essa concepção de Deus como autor sempre foi objeto de inúmeras controvérsias. Mais necessário que estabelecer se Deus é autor ou origem dos textos sagrados é dizer que se trata de um autor especial escrevendo por intermédio de outros também verdadeiros autores.

Todas essas imagens, instrumento, ditado, mensageiro, autor e seus personagens, Deus autor das Escrituras têm as suas luzes e sombras ao tentar dizer algo do mistério da Inspiração divina. Segundo Brakemeier, somente num sentido a ideia da Inspiração verbal poderia ser legítima:

---

<sup>18</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 41-59.

<sup>19</sup> Para Schökel, são quatro analogias: instrumento; ditado; mensageiro e, por fim, Deus, autor da Escritura (cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 42-54).

na empolgação do autor para escrever. Para ele, “a Inspiração do espírito não suprime, antes engaja a humanidade das testemunhas”<sup>20</sup>. É preciso saber resguardar suas características de imagens, portanto de aproximações mais ou menos precisas daquilo que pretendem expressar. Para Herbert Haag, “é evidente que a ideia de autor, no sentido preciso de autor de um escrito, só pode ser aplicada a Deus e ao hagiógrafo por analogia”<sup>21</sup>. Por isso, toda a concepção que promova uma Inspiração verbal de forma mecânica deve ser afastada. Isso levaria a excluir o autor humano da autoria do texto bíblico, o que, seguindo-se a aproximação estabelecida da Inspiração com a Encarnação, não seria algo bem-vindo.

### Vias gerais da encarnação em Schökel

Visto que a Inspiração da Escritura está ligada ao mistério da Encarnação, e que a própria Revelação também está ligada a esse mistério central, Schökel apresenta três caminhos de Revelação divina que, bem ao estilo da Constituição *Dei Verbum*, encontram seu caminho privilegiado na figura de Jesus Cristo como Revelação definitiva e plena de Deus.

A primeira via é a Revelação pela criação. Para ele “a verdadeira substância de toda a natureza é ser criatura e, como tal, Revelação de Deus”<sup>22</sup>. Deus manifesta-se na natureza, “onde cada ser representa em pequena escala e sem consistência própria, uma perfeição interna de Deus: como um imenso vocabulário de palavras significativas”<sup>23</sup>. Cada uma das criaturas expressa algo de Deus, como um texto que pode ser lido e interpretado, através da linguagem. Assim o universo imanente pode se converter, ao ser nomeado pelo ser humano, em algo que expresse sua relação com Deus, permitindo, assim, que o mesmo seja verdadeira e legitimamente interpretado pelo ser humano que o nomeia. Não se pode nomear algo de modo absoluto, pois é necessário que esse algo se manifeste<sup>24</sup>. Para Schökel, “o ponto de partida é o simples nomear”<sup>25</sup>.

<sup>20</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias, significado, fundamento*, p. 36.

<sup>21</sup> HAAG, Herbert. A palavra de Deus transformada em livro na Escritura Sagrada. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica*, p. 108.

<sup>22</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 23.

<sup>23</sup> GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar*, p. 26.

<sup>24</sup> Cf. KRINGS, H. *Dicionário de teologia*, v. 4, p. 75.

<sup>25</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 32.

A segunda maneira como Deus se revela é através da história. A história, em si mesma, não fala de Deus, mas Deus é interpretado no decorrer da história humana interpretada pelas pessoas que a olham através da fé. Nem o agnóstico nem o ateu seriam capazes de propor qualquer intervenção de Deus na caminhada humana. Segundo Schökel, a partir da fé, a própria história carrega a ação de Deus como uma espécie de linguagem<sup>26</sup>. A ação de Deus na história é uma “espécie de linguagem analógica, já que Deus escolhe, realiza e compõe sabiamente suas ações, dotando-as de sentido”<sup>27</sup>. Pode usar-se o exemplo do cinema para fazer compreender a ideia de como Deus atua na história: “Cria e dirige essa história; ele envia a sua palavra para explicar o sentido da sua obra”<sup>28</sup>. Assim a tarefa do profeta inspirado é contar interpretativamente o sentido dessa história. É, portanto, uma narrativa interpretada na fé que revela o sentido dos fatos em que Deus é o protagonista. Claude Geffré interpreta essa relação com o sentido acolhedor da atualidade na fé. A história somente permite a percepção desse agir divino, quando a fé, em seu aspecto cognitivo, é sempre um conhecimento interpretativo marcado pelas condições históricas de uma época. Assim a história possibilita perceber os vestígios de Deus na narrativa e no testemunho do crente.

A terceira forma como Deus se revela, segundo Schökel, é através da Palavra. Esta, por ser a forma plena de comunicação humana, é a maneira divina para revelar-se comunicativamente. Da mesma forma o ser humano revela-se através das palavras, consolidando uma semântica intersubjetiva. É a dimensão social da linguagem que permite ao ser humano conhecer e partilhar seu mundo com seu semelhante, “pois na atividade do falar, o homem também é imagem e semelhança de Deus”<sup>29</sup>. Deus se revela “em palavras humanas e por palavras de homens”<sup>30</sup>, diz Schökel. Nessa linha pode falar-se das “consequências da Inspiração”<sup>31</sup>. Uma dessas implicações está no contexto da Escritura como *lógos*, sua verdade, e outra, no contexto do Espírito, sua força, com a implicação importante de a Igreja, enquanto instituição, não poder subsistir sem os carismas<sup>32</sup>.

<sup>26</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 29.

<sup>27</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 30.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>29</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 33.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>31</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 8.

<sup>32</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 19.



Apesar de se refletir com frequência sobre o modo da Inspiração, a questão em si mesma, para Schökel, “nos põe perante problemas definitivamente insolúveis”<sup>33</sup>.

Agora, ver-se-á algo dos efeitos da Inspiração em sua funcionalidade em prol da Revelação histórica de Deus. Os “efeitos” são, conforme dito acima, dois: O primeiro está no contexto do *Lógos*, a verdade, e o segundo, no contexto do Espírito, a força.

## A verdade da Escritura

A pergunta pelo significado da verdade (*αληθεια*) nas Escrituras tem que ser bem-colocada, para que possa ser bem-respondida. Segundo Brakemeier, “inerrância é uma palavra imprópria para caracterizar a verdade na Bíblia”<sup>34</sup>. A palavra inerrância confunde, ao misturar a exatidão formal com a veracidade do conteúdo<sup>35</sup>. Trata-se de uma concepção que ignora, não só a história, mas põe em risco a própria dinâmica da Revelação enquanto esta é compreendida como pedagogia divina de salvação. Não considera a multiplicidade dos contextos vitais nem, como diria Wittgenstein, a pluralidade dos “jogos de linguagem”, onde a pretensão de exatidão absoluta, em termos de linguagem, é considerada um reducionismo linguístico<sup>36</sup>.

Schökel diz que é possível falar em “efeitos” da Inspiração no plural, ao invés de falar, como nos manuais, somente no singular “efeito” da ação do Espírito<sup>37</sup>. O tratado tradicional sobre a Inspiração foi elaborado em um contexto de ameaça e hostilidade à Igreja, determinando um caráter apologético e reativo no desenvolvimento do conceito de Inspiração “fortemente cercados de argumentos e réplicas sobre a inerrância”<sup>38</sup>. Havia uma verdadeira muralha para proteger a noção de inerrância bíblica. Não seria conveniente dedicar-se a derrubar essa muralha erguida como forma de defesa contra os ataques dos racionalistas que, em nome dos “erros” da Bíblia, aplicaram-se a dessacralizar a Escritura.

<sup>33</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 35.

<sup>34</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias, significado, fundamento*, p. 36.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>36</sup> Cf. OLIVEIRA Manfredo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*, p. 138.

<sup>37</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 203.

<sup>38</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 204.

Para Schökel, é necessário, antes, empreender esforços no sentido de explicitar a verdade da Palavra de Deus em função da Revelação divina e, da mesma forma, a força que esta detém e provoca em relação à Revelação salvífica em forma de “convivência” e presença de “pessoa que se manifesta”<sup>39</sup>. O mistério da salvação em Cristo, segundo a Constituição *Dei Verbum*, é a unidade dessa Revelação pessoal de Deus, como verdade máxima do cristão, manifesta em experiências e fatos significativos que Schökel chama de eventos. A verdade única da Sagrada Escritura é expor o sentido da história da salvação de maneira que o crente ali possa encontrar o Cristo revelado. A verdade, nesse caso, é uma manifestação do mistério<sup>40</sup>.

### Uma verdade literária

Sesboué diz que a Constituição *Dei Verbum* desvia a questão da inerrância para a problemática da verdade. Diz que, nos esquemas preparatórios desse documento, salta aos olhos como a “inerrância” vai sendo progressivamente substituída por “verdade”<sup>41</sup>. Por isso a questão é abordada positivamente ao se buscar a “verdade” das Escrituras. Mas não as verdades científicas, cosmológicas, geográficas, botânicas, etc. Trata-se de uma outra forma de verdade que a literatura bíblica quer evidenciar. Para Tillich, a “Revelação é a manifestação do mistério do ser à função cognitiva da razão humana” e “o conhecimento de Revelação não aumenta nosso conhecimento sobre as estruturas da natureza, da história e do homem”<sup>42</sup>. O conhecimento sobre essas estruturas é distinto do conhecimento bíblico que, como tal, é um conhecimento literário.

Falar de uma verdade literária é também buscar uma verdade da vida, da qual a literatura é uma expressão privilegiada<sup>43</sup>. Para Schökel, “uma obra literária contém uma série de informações, elementos descritivos de vida e história, artes e ofícios, etc”<sup>44</sup>. A Bíblia, enquanto literatura, é uma manifestação estética e um fenômeno social, e pode fornecer uma série de dados sobre o universo do povo que experimentou Deus em sua vida e história. Essas informações ainda não constituem

<sup>39</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 205.

<sup>40</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 206.

<sup>41</sup> SESBOUÉ, Bernard. *A palavra da salvação*, p. 444.

<sup>42</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*, p. 113.

<sup>43</sup> Cf. ABADIA, José Pedro. *A Bíblia como literatura*, p. 29.

<sup>44</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 207.

a verdade da Sagrada Escritura, mas ajudam a reconstruir a situação de vida na qual o texto foi engendrado, sob o auxílio do Espírito de Deus. A Bíblia, enquanto literatura, nos fornece algumas “informações secundárias”<sup>45</sup> de que o hagiógrafo dispõe e sob as quais produzirá o texto sagrado como verdadeiro autor.

O autor sagrado serve-se de inúmeros artifícios literários disponíveis para que exponha seu ensinamento. Os livros bíblicos querem ensinar algo. Para José Abadia, “todos eles desempenham uma função em seu contexto de origem e se propõem um objetivo concreto, à margem do puramente estético”<sup>46</sup>. As Escrituras têm propósitos delimitados e situados em suas pretensões. Tanto um livro profético, um Salmo quanto uma Carta Paulina querem revelar algo de Deus para nós através de recursos literários legitimamente verificáveis que visam convencer o leitor de algo ou para algo. Assim as terminologias “autêntico, verdadeiro, convincente, são adjetivos que os diversos leitores poderão usar”<sup>47</sup>.

A obra revelada pode revelar algo da “estrutura do ser”, ao narrar algo de uma estrutura da história movida por Deus. Por exemplo, Lucas, ao falar da Igreja nascente, nos Atos, mostra sua estrutura “como instituição histórica, de existência temporal. Sem ser um tratado de Eclesiologia, com técnica proposicional, ele representa a luz para se compreender o ser dinâmico da Igreja”<sup>48</sup>.

Desse modo, como diz Clodovis Boff, há uma Teologia na Bíblia, que, de forma mais ou menos explícita, revela algo do mistério de Deus<sup>49</sup>. Apresenta a verdade sob a forma de testemunho com uma força performativa, que move o leitor-ouvinte existencialmente. Para o cristão, Cristo é a verdade, e seu testemunho deve ter a força de operar uma decisão na fé. Esse tipo de verdade, segundo Schökel, “com seu elemento jurídico e o seu empenho existencial, é constitutivo da vocação profética e apostólica”<sup>50</sup>. A verdade literária da Bíblia tem que ser encontrada no contexto da caminhada eclesial. Se a Bíblia gera a comunidade e a comunidade também gera a Bíblia, o contexto interpretativo privilegiado é o contexto da ambiência cristã.

<sup>45</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 207.

<sup>46</sup> ABADIA, *op. cit.*, p. 35.

<sup>47</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 208.

<sup>48</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 210.

<sup>49</sup> BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*, p. 561.

<sup>50</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 210.

Essa busca pela verdade literária presente na Escritura é uma tarefa que também determina o fazer teológico na Igreja enquanto comunidade de crentes. O teólogo, ao procurar a verdade literária na Bíblia, deve fazê-lo como membro da Igreja. É isso que permitirá que a Escritura seja interpretada com o mesmo Espírito com que foi escrita segundo o número 12 da Constituição *Dei Verbum*.

## Verdade da lógica ou lógica da verdade

Para Schökel, “nenhuma das nossas verdades é a verdade total, embora cada uma seja uma verdade em si mesma perfeita”<sup>51</sup>. A verdade se opera em uma lógica dialética, no contraste de opiniões, ficando assim resguardado o caráter sociocomunitário da verdade bíblica e é por isso que a verdade, disputadamente buscada, tem uma amplitude histórica. No caso da verdade das Escrituras, o autor advoga ser a verdade revelada partilhada intersubjetivamente. Para ele, a Revelação é progressiva. Não é um bloco de verdade caído do céu sem preparação. A Revelação provoca o ser humano a questionar-se continuamente, abrindo-o a novas compreensões da verdade numa compreensão dialogal<sup>52</sup>.

A verdade inspirada aparece sob a forma de busca. Pode-se mesmo acrescentar, com Roger Haight, que o conteúdo da Revelação cristã, seu objeto, por assim dizer, é um Deus pessoal e amoroso, “e o próprio processo de Revelação pode ser caracterizado como uma experiência de ‘encontro’ com esse Deus”<sup>53</sup>. A Igreja, por ser peregrina, é espaço de manifestação do Espírito Santo e assim ficaria resguardado tanto o caráter transcendental e eclesial do carisma da Inspiração.

Enquanto a verdade bíblica é analógica, metafórica, simbólica e mesmo existencial-afetiva, sob o ponto de vista da lógica formal, apresenta-se como uma dedução conclusiva, a partir de proposições pautadas sob a disjunção “ou” “ou”. Uma proposição é verdadeira ou falsa e não há terceira hipótese. No campo bíblico, esse modelo de estabelecer a verdade parece ser inadequado, porque a Bíblia não é um

<sup>51</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 211.

<sup>52</sup> Se uma função de linguagem – monológica – é apoiar substancialmente o processo de pensar e se outra função – dialógica – é o contraste de opiniões rumo à verdade encontrada e compartilhada, não se vê por que esta dimensão da linguagem deva ser excluída da inspiração. O diálogo é muito mais humano e muito nobre para ser excluído a priori da Bíblia (*Ibid.*, p. 211).

<sup>53</sup> HAIGHT, Roger. *A Dinâmica da teologia*, p. 92.

conjunto de proposições construídas para inferir conclusões verdadeiras sob o ponto de vista formal, assim como sua própria diversidade literária dificilmente poderia ser reduzida a proposições universais planificadas ao mesmo nível<sup>54</sup>.

Para melhor entender o que é a lógica da verdade, é necessário partir do princípio de que a inerrância bíblica não pode ser entendida como uma ausência de “erros” de qualquer natureza. A Bíblia não pretende falar epistemologicamente como as coisas são e acontecem. A Bíblia quer revelar o sentido, o mistério de Deus e do ser humano enquanto criatura. Desse modo, pode-se dizer, com Paul Tillich, que “verificação neste sentido significa iluminar, tornar compreensível, dar um quadro significativo e consistente”<sup>55</sup>. Ou seja, não se pode entender inerrância como uma simples verificação empírica de modo positivista, onde a verdade passa pela verificação experimental em que a experiência pode ser repetida. A verdade da Bíblia é experiencial e não experimental e, para este autor, “as experiências de verificação de caráter não-experimental são mais verdadeiras para a vida, embora menos exatas e definidas”<sup>56</sup>.

Por isso a Inspiração aqui também encontra o seu limite. Deus não inspira o autor bíblico em qualquer assunto. Não o faz como, numa espécie de ciência infusa, conhecedor de todos os mistérios presentes entre o céu e a terra. Também não é plausível, segundo Schökel, atribuir os acertos à Inspiração do Espírito e eventuais erros aos autores humanos<sup>57</sup>. Isso seria cair novamente em um dualismo antropológico e desconsiderar a concretude histórica do mundo do texto bíblico. Seria reduzir também a importância do receptor da mensagem salvífica nos diferentes tempos históricos.

Schökel diz que o problema da inerrância deveria ser orientado para a dimensão da hermenêutica, sem que esta se torne apenas uma ciência auxiliar para salvaguardar a Escritura de erros. Necessário torna-se, assim, compreender o sentido do conjunto da Escritura<sup>58</sup>. Ao usar o futuro do pretérito “deveria”, dá-se a entender que não é corrente nos manuais, mas pode elucidar a finalidade específica do texto bíblico em favor do ensinamento que este se dispõe a comunicar e não como

<sup>54</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 213.

<sup>55</sup> TILlich, Paul. *Teologia sistemática*, p. 93.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 92.

<sup>57</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 214.

<sup>58</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 216.

um apêndice orientado para defender a Bíblia de erros e imprecisões secundárias.

## A força da Escritura

É necessário atentar para a dimensão pragmática da Escritura. Esta não possui apenas uma doutrina de salvação, mas, antes, uma força salvífica capaz de mobilizar o ouvinte a tornar-se um praticante da palavra<sup>59</sup>. Para Schökel, essa dimensão da Escritura tem sido negligenciada, sendo necessário reafirmá-la em sua verdadeira importância. Aqui, há uma força “impressiva” da linguagem, capaz de mobilizar a dimensão volitiva do ouvinte e criar “uma mentalidade coletiva, uma convicção social<sup>60</sup>”.

A essa energia Schökel chama de autoridade. A energia presente na Palavra de Deus, objetivada nas Escrituras, provoca a vontade da pessoa humana. Os afetos humanos são patentes nessa energia da palavra. A palavra “consola, anima, alegra, infunde simpatia, confiança, serenidade”<sup>61</sup>. Há uma irradiação social potencializada na linguagem das Escrituras. Ao ser provocada, a pessoa é convocada a decidir, assumir uma atitude e uma ação política e pública<sup>62</sup>. Da autoridade eclesial das Escrituras é que se pode inferir o seu poder de persuasão e mobilização das diversas dimensões do ser humano. Há, nesse sentido, um intercâmbio de convicções em ação na atividade comunicativa da palavra. São convicções e afetos interagindo dialogicamente na comunicação humana. Pode-se mesmo falar de uma semântica intersubjetiva da palavra, pois a Palavra de Deus presente na palavra humana atinge um nível socioprático. A linguagem da palavra salvífica é engendrada no interior da comunidade de fé e, como tal, está sujeita à análise pragmática, o que, no dizer de Félix Pastor, permite mesmo uma verificabilidade empírica, já que o próprio texto bíblico é uma experiência privilegiada de objetivação da Revelação de Deus<sup>63</sup>.

Edvino Rabuske vê o caráter performativo no uso abundante de símbolos e atos performativos, indo desde o hino de adoração, onde

<sup>59</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 227.

<sup>60</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 227.

<sup>61</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 228.

<sup>62</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 228.

<sup>63</sup> PASTOR, Félix Alexandre. *Semântica do Mistério: a linguagem teológica da Ortodoxia Trinitária*, p. 98.

predomina o aspecto existencial-subjetivo, até o comentário exegético e a especulação, onde predomina o aspecto objetivo<sup>64</sup>. Essa compreensão da linguagem como portadora de força, dotada de caráter performativo, é sem dúvida distinta de uma lógica que pretenda reduzir a linguagem a uma concepção designativa e instrumental. A linguagem como geradora de ação tem uma dimensão praxiológica. É gerada por uma práxis, ao mesmo tempo que gera novas práxis.

A chamada forma performativa da linguagem é aquela “em que se manifesta e atualiza a energia”<sup>65</sup>. Uma forma é a “chamada” onde o outro torna-se atento à escuta; a “nomeação” onde uma pessoa é estabelecida para um cargo; o “imperativo” onde o objetivo é provocar uma ação; a “pergunta” onde a resposta é uma verdadeira atividade; a “proposição” que pode ser declarativa e mesmo jurídica, portanto dotada de singular energia. Junto com esta série de “formas enérgicas da linguagem”, há uma série de outras, das quais os livros sagrados estão cheios e que contêm palavras de energia intensa as quais não podem ser negligenciadas precisamente porque a Bíblia manifesta a experiência de salvação para as pessoas e as comunidades.

Para Schökel, a palavra dinâmica de Deus expressa na Bíblia tem uma energia potencial pronta a descarregar seu dinamismo, quando o ser humano abre a porta para ela<sup>66</sup>. É a força pragmática e performativa da linguagem humana de significado salvífico. A forma enérgica da linguagem bíblica quer, de fato, atingir dinamicamente o leitor, para levá-lo a uma ação que pode ser chamada de testemunho. Os evangelhos apresentam Cristo agindo dinamicamente na Palestina e provocando ininterruptamente seus ouvintes. O próprio Jesus é a palavra de Deus em ação transformadora: a aplicação da lama ou o gesto de se lavar, porque a Palavra de Vida não é uma formosa concepção platônica, mas algo que vimos, ouvimos e pegamos<sup>67</sup>. Nesse sentido, pode-se dizer, com pertinência, que ser cristão não é seguir algo, mas seguir alguém, uma pessoa concreta, com uma prática específica cuja energia possibilita uma mudança de caminho.

Segundo Schökel, a dimensão pragmática da Escritura inspirada é atestada pelos Santos Padres<sup>68</sup>. Também a Igreja em seu ofício ma-

<sup>64</sup> RABUSKE, Edvino. *Filosofia da linguagem e religião*, p. 132.

<sup>65</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 228.

<sup>66</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada* p. 230.

<sup>67</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 233s.

<sup>68</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 239-240.

gisterial de ensinar manifesta a estatura salvífica da Palavra Inspirada. A liturgia da Igreja propõe o poder salvador da Palavra, através dos sinais sensíveis presentes no culto público celebrado na comunidade de fé. Essa comunidade escuta a Palavra de maneira compreensível, por isso, no vernáculo, “o costume de ouvir epístolas e evangelhos numa língua ininteligível poderá induzir algumas pessoas a não reconhecer a força da Palavra, e outras, a pensar num poder oculto ou mágico”<sup>69</sup>. A língua, compreendida em sua dimensão pragmática, é organismo vivo, que expressa um mundo vivo, e é nesse mundo que a Palavra de Deus pode encontrar sua legítima proclamação.

A homilia é momento privilegiado de proclamar a Palavra e constitui mesmo, para Schökel, “uma expansão da Palavra inspirada” e “a Palavra inspirada atualiza-se nas liturgias bíblicas”<sup>70</sup>. Para que a Palavra inspirada possa atingir sua finalidade, é necessário que o pregador compreenda e pratique os ensinamentos do texto bíblico a fim de que não seja “vão pregador da Palavra de Deus externamente, quem não escuta interiormente”<sup>71</sup>. Dos números 24 a 26 está presente, na Constituição *Dei Verbum*, a importância litúrgica da Palavra de Deus. Pregação, homilia, sermão, divulgação da Palavra bíblica, no contexto litúrgico da Igreja, tudo tem uma dimensão pragmática irrefutável.

A força suscitada pela Escritura atualiza-se, quando a pregação advém da Bíblia, testemunho da Revelação, da explicação necessária, através da linguagem e, assim, “quando deriva de fato da Palavra de Deus e a prolonga, a própria pregação é instrumento de graça, porque atualiza a virtude salvífica da Palavra inspirada”<sup>72</sup>. Nesse sentido, segundo Mannucci, há em Schökel, uma busca de equilíbrio entre dois aspectos da Inspiração bíblica: o aspecto do escritor sagrado e o aspecto da obra inspirada. A Inspiração estaria assim ocorrendo no autor sagrado em função da obra literária enquanto esta opera em função da Encarnação de Deus em Jesus Cristo<sup>73</sup>. A obra literária bíblica é, simultaneamente, inspirada e inspiradora.

Na leitura da Palavra, também está presente a força salvífica desta Palavra. Tanto na leitura litúrgica quanto na leitura particular meditada abre-se um diálogo unitivo com Deus que, comunicando-se à maneira

<sup>69</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 242.

<sup>70</sup> SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 247.

<sup>71</sup> *Dei Verbum*, n. 25.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 248.

<sup>73</sup> Cf. MANNUCCI, Valério. *La Biblia como palabra de Dios*, p. 162.



humana, revela o seu mistério. Deve-se dizer que a Constituição *Dei Verbum*, mesmo sendo uma Constituição sobre a Revelação, tem a sua maior parte dedicada à Escritura. Isso é indicativo por si só, da significação enorme que tem a Bíblia em relação a essa revelação de Deus para o ser humano.

## Dimensão comunitária da inspiração

Ao pensar em dimensão comunitária, não se quer afirmar uma concepção coletiva da inspiração, imprópria ao conjunto teleológico da própria Bíblia escrita no interior de uma comunidade organicamente estruturada, com finalidades bastante específicas<sup>74</sup>. O escritor sagrado é, de certa forma, o intérprete e o porta-voz de sua própria comunidade até o ponto em que esta reconhece, nas palavras desse autor, as suas próprias expectativas e anseios. Por sua vez, o autor sagrado é capaz de escrever, sob o influxo do Espírito, por estar imerso nessa comunidade e em função de sua caminhada. Por isso é possível considerar mesmo os autores anônimos da Bíblia como verdadeiros autores, por estarem impregnados do carisma do Espírito<sup>75</sup>.

Pode-se falar em dimensão comunitária da Bíblia, também, porque a Bíblia é fruto da caminhada histórica de um povo que se denomina “povo de Deus”<sup>76</sup>.

Quando Pierre Benoit escreve, apenas dois meses depois da promulgação da *Dei Verbum*, seu artigo “Inspiração e Revelação”, ele fala da “riqueza multiforme da Inspiração segundo os dados bíblicos”<sup>77</sup>, ele mostra o processo comunitário atestado na Bíblia sobre a presença do Espírito na condução dos autores bíblicos em função da comunidade de fé, embora não aceite uma inspiração coletiva. Para ele “a Revelação é uma descoberta ativa do espírito humano sob a luz do Espírito Santo”<sup>78</sup>, o corolário imediato da inspiração e que ocorre em pessoas singulares concretas ainda que anônimas. Para Karl Rahner, é na eclesialidade que a inspiração encontra seu sentido. É a objetivação consciente de uma fé “tradicionada”, remetendo ao capítulo sexto da Constituição *Dei Verbum*<sup>79</sup>.

<sup>74</sup> MANNUCCI, Valério. *La Biblia como palabra de Dios*, p. 156.

<sup>75</sup> Cf. BENOIT, Pierre. Inspiração e revelação. In: *Concilium*, n. 10, p. 13.

<sup>76</sup> Cf. MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*, p. 217.

<sup>77</sup> Cf. BENOIT, Pierre. Inspiração e revelação. In: *Concilium*, n. 10, p. 9-12.

<sup>78</sup> BENOIT, Pierre. Inspiração e revelação. In: *Concilium*, n. 10, p. 14.

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 439.

Segundo Artola, o aspecto comunitário da inspiração chegou a ser pensado, no primeiro esquema preparatório da Constituição *Dei Verbum*, como uma das preocupações da Teologia da inspiração, mas a questão não foi abordada nas sessões conciliares<sup>80</sup>. Isso poderia ter sido tratado em função da numerosa presença de autores anônimos na elaboração da Bíblia, também em relação à categoria bíblica e conciliar de povo de Deus e na doutrina, eclesial de corpo místico de Cristo. É o que se pode chamar de “tradição inspirada”<sup>81</sup>, valorizando a dimensão processual e histórica da Revelação na qual a Inspiração auxilia. A palavra de Deus cria a tradição inspirada de Israel e este vai, como um crescente, incorporando sempre mais materiais, constitutivos dessa tradição que pode mesmo contar com uma personalidade carismática, auxiliada pelo Espírito de Deus, para consagrar definitivamente um texto como sagrado.

Para Konings, “a elaboração da Bíblia foi um maravilhoso empenho de autores literários humanos: recuperação da memória, imaginação, recursos estilísticos, conceitos e preconceitos”<sup>82</sup>. Para ele, a mensagem que se exprime na Bíblia, por palavras humanas, vem de Deus mesmo, de modo que a Bíblia é o livro de Deus e da humanidade, escrito da vida concreta dessas pessoas que experimentaram o mistério insondável de Deus e o partilharam para as futuras gerações. O caráter processual comunitário transparece no inspirado processo de elaboração dos textos sagrados.

Na opinião de Carlos Mesters, nem todos os livros da Bíblia cabem no conceito de carisma pessoal que estabelecia “uma peculiar comunicação entre Deus e este ou aquele escritor bem-determinado”<sup>83</sup>. Ele diz que muitos livros da Bíblia levaram gerações inteiras para se constituir. Alguns quase mil anos até tomar sua forma atual. Dessarte, não é possível atribuir a apenas um autor ou mesmo a vários autores determinados. Assim “a pessoa, por exemplo, que colocou o ponto final no livro dos Salmos, dos Provérbios ou do Pentateuco, apenas relata o que ela mesma pôde encontrar no meio do povo”<sup>84</sup>. Deve-se pensar em uma dimensão comunitária da Inspiração sem comprometé-la ou diminuí-la.

<sup>80</sup> ARTOLA, Antonio; CARO, José. *A Bíblia e a palavra de Deus*, p. 178.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 179.

<sup>82</sup> KONINGS, Johan. *A palavra se fez livro*, p. 84.

<sup>83</sup> MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*, p. 209.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 209.

Mesters diz que o livro inspirado é comparável a uma grande catedral medieval. Ali gerações inteiras trabalharam sob os planos e desenhos de arquitetos. Na história dessas catedrais, há uma reciprocidade comunicativa entre o sentimento coletivo do povo e a sensibilidade pessoal dos artistas que projetam a obra. Um não existe sem o outro. Assim o autor humano, quando escreve o texto, tem em sua consciência a história da vida em que está presente e expressa em sua obra o seu mundo vital, onde os outros estão envolvidos. Essas analogias mostram a dimensão comunitária da Inspiração bíblica, não de uma coletividade amorfa ou desconexa, mas de pessoas que compartilham algo em comum. A vida, a fé, a história, a esperança, o amor, entre outras experiências, concretizam, em palavras de C. Mesters, a circularidade hermenêutica com a fé da Igreja. Com efeito, a “Bíblia só revela o seu valor a partir da experiência de fé da Igreja hoje; por outro lado, a experiência da fé na Inspiração depende da compreensão exata da Bíblia”<sup>85</sup>.

Essas concepções de Inspiração que contemplam a dimensão comunitária da inspiração, tanto de Benoit, de Rahner ou Mesters, complementam-se também com o pensamento de Schökel. Ele afirma que a inspiração é um processo voltado para a obra como a um fim<sup>86</sup>. Sendo um modelo mais literário, e, portanto, arte humana construída comunitariamente, pode-se dizer que sua compreensão sobre a inspiração também é aproximada de uma inspiração comunitária, na medida em que a comunidade humana e especialmente a eclesial é destinatária da autocomunicação de Deus testemunhada pela Escritura.

## Perspectivas em aberto

O pensamento de Luis Alonso Schökel relaciona o carisma da Inspiração com o mistério central da fé cristã manifestada na Constituição *Dei Verbum*: a Encarnação. Seu modelo mais literário, para entender a inspiração das Escrituras em sua íntima relação com a Revelação Divina, contempla a questão da linguagem humana como atividade criativa. A atividade da linguagem tem uma face pragmática que desvela a dimensão social da linguagem. A Bíblia, enquanto literatura, é fruto do engenho humano e busca comunicar uma verdade que aqui é chamada de verdade literária, em contraste com a verdade empírico-formal própria das ciências da natureza.

---

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 216.

<sup>86</sup> Cf. SCHÖKEL, L. Alonso. *A palavra inspirada*, p. 172.

Schökel apresenta uma tríplice maneira de perceber a Revelação divina: através da obra da criação, através da história e na história e através da Palavra. Esta última é portadora de uma dimensão intersubjetiva, ao passo que é dinamicamente partilhada entre aqueles que se comunicam. É no interior dessa dimensão social da linguagem, onde se produz a literatura bíblica, que Schökel propõe as consequências práticas da Inspiração: a questão da “verdade” das Escrituras e a questão da “força” das Escrituras. A verdade da Bíblia é uma verdade diferente da verdade da lógica formal e de seu dinamismo interno. Trata-se de uma verdade “experencial”, humana, existencial. Não é uma verdade “experimental”, objetiva e material da ciência positiva. A chamada “força” da Escritura é relativa à sua possibilidade de imprimir uma energia na realidade à qual se dirige. A Palavra cria a realidade à medida que interage com ela. Tem uma energia prática ou pastoral. Tem força própria de apelo que provoca e convoca o ser humano em sua vida concreta. Pode-se dizer que a Bíblia é inspirada por Deus na vida do ser humano, exatamente para que o inspire na compreensão de como Deus atua em sua vida e revela os seus desígnios salvíficos revelados plenamente em Cristo.

Há uma dimensão sociocomunitária da inspiração. Isso não quer dizer que há um “coletivismo” na origem desta, mas que é na tradição interpretativa da Igreja que as Escrituras foram historicamente adquirindo seu caráter de sacralidade. Para esse pensador, a Palavra de Deus está em função da Revelação que é Revelação de algo ao qual ela mesma está orientada: o mistério do Verbo encarnado. A Igreja apenas reconhece o mistério da Palavra inspirada ao longo da história. Uma das vias da Revelação se dá através da Palavra e é na atividade da palavra que o próprio ser humano se configura à imagem e semelhança de Deus.

Ao partir da linguagem como atividade, fica manifesto que Schökel tem uma concepção da Inspiração que se relaciona com a Ciência Literária e com a Filosofia da Linguagem. Há uma dimensão pragmática na concepção de linguagem de Schökel que permite falar em “consequências da inspiração”. Ele fala mais dessas consequências práticas do que sobre a natureza da mesma. A primeira dessas consequências está no âmbito da verdade da Escritura. Não é a verdade de uma lógica formal abstrata, nem a pretensamente infalível do positivismo empírico. Trata-se de uma verdade literária orientada para a vida humana que a pode acolher e encontra seu escopo na caminhada comunitária de fé. Trata-se de verdade prática, poética, existencial, de caráter semanticamente aberto. Essa verdade aparece como uma busca dinâmica e, como tal, é inspirada, ou

seja, é inspirada, porque orientada para a edificação de uma comunidade de fé. A verdade da Bíblia é da ordem do mistério. Quer revelar o sentido, o mistério de Deus e do ser humano enquanto criatura sua. Por isso pode ser dita experiencial, e não experimental. Os hagiógrafos não são inspirados em qualquer assunto, mas naqueles que interessam ao propósito de Deus, à comunhão com o ser humano e à sua automanifestação.

A segunda dessas consequências da Inspiração é orientada para a força da Palavra na vida prática das pessoas. Há uma enérgica autoridade na Palavra de Deus. Essa energia tem o poder de gerar uma força, um poder que incide concretamente na realidade dos ouvintes dessa Palavra. Ela mobiliza o ser humano inteiro, suas convicções, seus afetos e sua razão a ponto de gerar uma incidência pública naqueles a quem a Palavra provoca: a comunidade de fé! Nesse sentido, é que se pode falar de uma semântica intersubjetiva da Palavra de Deus. Ela atinge um nível prático na vida das pessoas, a fim de conduzi-las a uma ação que pode ser chamada de testemunho. Desse modo, pode-se falar de uma dimensão pragmática da Inspiração, pois a Palavra de Deus tem uma dimensão performativa, que gera realidade salvífica. Deve-se ter presente que a Igreja, em seu aspecto institucional empírico, é também gerada pela força criativa desta Palavra.

A dimensão comunitária da Inspiração não suprime o carisma pessoal do hagiógrafo enquanto pessoa inspirada por Deus, mas remete à tradição eclesial que é o seu horizonte hermenêutico. Ele é como um intérprete e porta-voz de sua comunidade. Percebe seus anseios e desafios e, por isso, escreve em função de sua caminhada comunitária, sem o que a leitura comunitária do texto bíblico poderia ser uma simples leitura coletiva.

A ideia da Inspiração verbal da Escritura deve ser tratada com cuidado, para que não seja entendida como ação “mágica” de Deus sobre a atividade criativa do hagiógrafo, prescindindo da ação humana em sua autocomunicação. Além de ser uma ideia teo-antropologicamente pobre, pode conduzir ao fundamentalismo acrítico, a-histórico e gerador de rupturas na comunidade humana. O Cristianismo não é uma Religião do Livro. Ser cristão é seguir uma pessoa concreta que revela a ação encarnada de Deus no mundo situada no tempo e no espaço. Assim entendida, a Inspiração existente em Livros Sagrados não é algo exclusivamente cristão, de modo que uma adequada compreensão da Inspiração desses livros pode mesmo ser um caminho de diálogo ecumênico e inter-religioso.